

“O PROFESSOR FRANCÊS”: JEAN GAGÉ.

PEDRO MOACYR CAMPOS

Disciplina: História Medieval.

Ao publicar-se o nº 103 da Revista de História, ocorreu-nos nele incluir algumas notas e reminiscências pessoais acerca de um dos mais importantes dentre os fundadores dos estudos históricos na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo: o prof. Jean Gagé, atualmente *professeur honoraire* do Collège de France, onde foi titular de história da civilização romana de 1955 a 1972.

Em 1938, ao ingressarmos na sub-secção da Geografia e História, já dois professores franceses se haviam encarregado da cadeira de História da Civilização: o primeiro deles, Émile Coornaert, ficara pouco tempo no Brasil, mas seu sucessor, Fernand Braudel, durante os três anos como chefe da cadeira, tivera ocasião de iniciar uma sub-divisão básica dos cursos, passando ainda a contar com a colaboração de um assistente, nomeado em 1937, no próprio ano de seu regresso à França.

Nos nossos primeiros dias de Faculdade, então, foi apenas o assistente, Prof. Eurípedes Simões de Paula, que nos ministrou cursos, pois aguardava-se a vinda do Prof. Gagé, recém-contratado para substituir Braudel. Era com certa expectativa que se falava na próxima chegada do “professor francês”, que se correspondia com o Prof. Simões de Paula, dando conta de seus preparativos para a vida no Brasil, inclusive de seus esforços para aprender português, através de uma gramática *portoghese-brasiliana*. De fato, tendo estado durante anos na Itália valia-se de seu domínio do italiano (e certamente do latim) para chegar com facilidade ao português.

Finalmente, um dia soubemos que teríamos aula com o Prof. Gagé. No ambiente estreito em que se abrigava então a Faculdade, na Alameda Glette, com salas de aulas que acreditamos improvisadas, a figura com que nos deparamos impressionava ainda mais: um homem de porte altivo, fisionomia demonstrando saúde, energia e seriedade,

seriedade em todos os sentidos imagináveis. Ruivo, testa ampla, pequeno bigode, olhar ao mesmo tempo sereno e penetrante, deu logo início ao curso relativo às origens de Roma e República romana com uma aula que se constituía para nós, estudantes novatos, numa total novidade, tanto pelo conteúdo como pela riqueza em matéria de método, seu título era *L'historiographie Romaine et ses méthodes*; "*De l'incertitude des cinq premiers siècles de l'histoire de Rome*"; *les moyens actuels d'une reconstitution*. Dada em francês, esta aula foi um impacto cujas repercussões nem de longe poderíamos de momento absorver. Esforçando-nos ao máximo para tomar notas, foi só depois, ao procurar reconstitui-la, que começamos a tomar consciência de sua importância, mas ainda sem imaginarmos como aplicar seus ensinamentos à maneira de fazermos nossos estudos de História, em geral. Apenas mais tarde o próprio Prof. Gagé iria mostrar o caminho para isto.

A História de Roma, aliás, era o seu domínio de preferência, tendo já nela se especializado muitos anos antes de vir para o Brasil. De 1925 a 1928 fora membro da *École Française de Rome* e desde 1929 lecionava História Romana na Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo, inicialmente como *maître de conférences* e depois na qualidade de professor titular. Suas mais significativas publicações deixavam clara a sua predileção. Contava-se entre elas, em 1935, a edição do chamado Testamento de Augusto, *Res Gestae divi Augusti ex monumento Ancyrano et Antiocheno latinis, Ancyrano et Apolloniensi graecis*, recebida com os maiores louvores pela melhor crítica especializada, considerada, inclusive,

“a mais considerável edição surgida desde a 2a. de Mommsen, sobre a qual assinala um indubitável progresso”,

na expressão da *Revue des Etudes Latines*. Este volume era o centésimo da série das *Publications de la Faculté de Lettres de Strasbourg*, de cuja comissão Gagé era um dos membros, e o aparecimento deste

“trabalho notável, justamente saudado pelos mais autorizados mestres como uma obra-prima de ciência e de crítica”,

conforme as palavras do presidente da comissão, Prosper Alfarc, fora condignamente comemorado pela *Société des amis de l'Université de Strasbourg*. Antes, em 1934, sob o título *Recherches sur les jeux séculaires*, já havia Gagé reunido quatro estudos apresentados como resultado de pesquisas preliminares visando a um futuro trabalho; a frase inicial do primeiro dele (*Il y a un problème linguistique du Ta-*

rentum. . .) denunciava um dos mais atraentes dentre os traços característicos do processo de trabalho de Gagé, tal fosse sua preocupação com as palavras, seu cuidado em chegar a conclusões para a História através delas, dando não raro, mediante uma às vezes rápida referência filológica, um aspecto fascinante, tanto aos seus trabalhos como a suas aulas.

Artigos publicados na *Revue d'Histoire et de philosophie religieuses* (*La Victoire impériale dans l'Empire chrétien*), na *Revue Archéologique* (*La Victoria Augusti et les auspices de Tibère*) na *Revue des Études italiennes* (*L'archéologie italienne depuis 1935*), nos *Quaderni Augustei* do *Istituto di Studi Romani* (*Gli Studi francesi sulla figura e l'opera di Augusto e sulla fondazione dell'Impero Romano*) sempre testemunhavam seu apego a Roma, e até mesmo sua primeira conferência pública em São Paulo, sobre o problema habitacional na Roma de Augusto, enquadrava-se nesta linha. Quis o acaso, é verdade, que Gagé chegasse a São Paulo justamente no ano em que se comemorava o bi-milenário do nascimento de Augusto, o que podemos considerar uma feliz coincidência.

Explicável, assim, que dentre os três cursos de História Romana por ele ministrado, o que mais parece merecer suas atenções fosse o consagrado exclusivamente ao fim da República Romana e às origens do Principado. Todo um semestre foi — poderíamos dizer carinhosamente — dedicado à sociedade romana do período compreendido entre 70 e 49 a. C., e para nós correspondeu ao contacto com um mundo novo, de conhecimento, método, dedicação ao estudo. Lembramos bem de quão proveitosa foi, em seguida, a primeira aula do segundo semestre, com as diversas visões de Cesar, através da historiografia francesa, alemã e inglesa, a abrir para principiantes, marcados quase todos por acanhados horizontes, perspectivas amplas, não apenas no estudo da matéria em si, mas na maneira de pensar, em geral.

Um curso sobre o Império Romano, especialmente do ponto de vista institucional, completava os outros dois. E poderíamos pensar que o romanista se restringisse ao campo de sua especialização. Mas não. No mesmo ano, Gagé ministrou ainda cursos semestrais de História Helenística e — numa mudança de pasmar — Problemas da Ásia, Extremo-Oriente e Pacífico no século XIX e até nossos dias. Como se não bastasse, tivemos com ele também um curso de História da revolução francesa e do Império napoleônico. O romanista, assim, não hesitava em sair completamente de seu campo para corresponder às responsabilidades de professor de *História da Civilização* e — sem qualquer dúvida — não se percebia que o nível de suas aulas sofresse com esta circunstância.

Ele, pessoalmente, talvez sentisse as desvantagens desta situação, pois no relatório de 1938 não deixou de declarar que

“o professor acha-se obrigado, atualmente — sejam quais forem suas pesquisas pessoais — a dispersar seus esforços entre assuntos de cursos muito variados”.

Sugeria, como já o fizera Braudel, o

“desdobramento da Cadeira, considerado como uma reforma mínima, mas atualmente suficiente.”

O desdobramento efetivou-se, segundo o decreto-lei n.º 1190 de 4 de abril de 1939: passavam a existir duas cadeiras, a de História Antiga e Medieval e a de História Moderna e Contemporânea. E, então, a largueza de espírito de Gagé manifestou-se através de uma atitude talvez não muito vulgar: ele, o especialista em estudos clássicos, empenhado em pesquisas de História romana, ficou com a parte de História Moderna e Contemporânea, pois as preferências do novo professor, o antigo assistente Eurípedes Simões de Paula, voltavam-se para a Antiguidade. Pensava, certamente, no futuro da Faculdade: era preciso que o professor brasileiro ficasse com o setor em que mais se sentisse à vontade, em benefício da pesquisa e do ensino. Renunciava, assim, à matéria cujo trato — era evidente — se constituía num prazer, para lecionar, por exemplo, acerca da formação do Império Britânico ou da Áustria dos Habsburgos.

O Prof. Simões de Paula, por sua vez, teve papel proeminente nas atividades de Gagé. Sua colaboração permitia-lhe desincumbir-se de maneira modelar de sua missão, e o assunto foi posto em destaque no relatório de 1938, em que uma parte tratava da função do assistente, lendo-se o seguinte:

“esta função está muito além de uma simples colaboração material, apesar de ser esta atualmente muito considerável: elaboração de mapas especializados organizados para ilustrar os cursos do programa, orientação de diversos papéis distribuídos aos alunos — resumos de cursos (apostilas), correções escritas, programas, bibliografias, etc. (ver particularmente o caso do curso desse ano sobre os problemas do Extremo-Oriente que foi mimeografado pelo assistente em forma de livro, com mapas, sumário detalhado, bibliografia), pesquisa de livros úteis ao professor e aos alunos, etc.. Todos os trabalhos que demandem tempo e competência e que o professor encarregado de 6 horas de aula, de forma

alguma poderia fazer por si mesmo, são criteriosamente desempenhados por esse indispensável colaborador. O valor do assistente não se manifesta circunscrito apenas ao que citamos; prolonga-se no intermédio útil entre o professor e os estudantes, principalmente quando eles são mais de quarenta ou cinquenta. Pudemos efetivamente manter, durante o ano todo, relações *diretas* com todos os alunos.”

Tudo isto correspondia palavra por palavra ao que realmente acontecia. Nós, estudantes, viamos cair do céu — pois eram gratuitas — excelentes apostilas, cujo texto fora composto linha por linha pelo próprio punho de Gagé, de cuja preparação se encarregava o prof. Simões de Paula, e que não raro transbordavam da própria aula, pois apresentavam frequentes notas de entrecruzamento de cursos, indicando-se com um “vide apostila do curso...” a maneira de esclarecer uma passagem mediante recurso a outras aulas. Sutilmente, assim, talvez sem pensar nisto, ia-nos Gagé levando ao hábito, indispensável para o estudante de História, de estabelecer relações entre fatos às vezes aparentemente distantes entre si. As referências literárias também não faltavam: Lafcadio Hearn, por exemplo ao tratar-se do Japão, um soneto de Herédia no episódio da guerra de Anibal na Itália, eram ilustrações de como a literatura se revela com uma faceta da História e de como pode ela associar fases distantes uma da outra. Recordamo-nos mesmo de que a menção do soneto de Herédia sugeriu a um estudante um trabalho (que nunca foi feito), acerca da maneira pela qual a literatura francesa do século XIX tratara os grandes personagens da República Romana.

Hoje em dia isto talvez pareça quase banal. Mas é preciso levar-se em conta o que representava para estudantes que estavam tomando o primeiro contacto com o estudo de História à maneira européia. Gagé, é óbvio, tinha perfeito conhecimento desta circunstância, pois no relatorio de 1938, ao tratar do método de trabalho empregado na Faculdade assim se expressava:

“esse método (...) supõe na verdade que os estudantes ingressem nessas Faculdades (européias) depois de estudos secundários no decorrer dos quais, no tocante à História, foi-lhes ministrado um ensino completo que lhes forneceu uma visão histórica continua e sem grandes lacunas. É possível que, no estado atual, essa condição preliminar não seja tão bem preenchida pelos alunos que procuram a Faculdade de São Paulo...”

E a consciência deste fato — parece-nos — levava-o a redobrar esforços, no sentido de romper o acanhamento intelectual com que se

defrontava. O mais importante a tal respeito verificou-se por ocasião dos primeiros trabalhos escritos e provas parciais. Para nota de aproveitamento semestral os estudantes deveriam desenvolver, conforme o ano em que estivessem, um dos seguintes temas: o despotismo esclarecido; a colonização grega na bacia ocidental do Mediterrâneo do VIII ao VI século e seus destinos ulteriores; a influência da “Filosofia das luzes”, da independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa no movimento de emancipação dos países da América Latina. O primeiro exame escrito, para os estudantes do primeiro ano, ao menos, foi uma real surpresa: foi-nos entregue uma folha mimeografada, com o tema a desenvolver-se e uma cronologia, mas o tema não correspondia a um assunto especificamente tratado em aula, uma vez que abrangia várias das preleções de Gagé; seu enunciado era “As jornadas populares na Revolução Francesa, de 1789 a 1793.” Para os outros anos, o tema era “Alexandria do Egito e a civilização alexandrina: seu lugar e seu papel no conjunto do mundo helenístico”.

Foi um desastre. Pouquíssimos foram aqueles a entregar um trabalho mais ou menos satisfatório. E isto porque não sabíamos como proceder diante de uma incumbência desta ordem, caindo, então, nas exposições do tipo descritivo e enumerativo tradicional. Foi esta a oportunidade para que Gagé, partindo agora dos trabalhos entregues, que eram o que *não* deveria ser feito, mostrasse-nos o que *deveria* ter sido feito. Ele próprio desenvolveu, concisamente, de modo a não desperdiçar uma palavra, os cinco temas, precedendo-os de observações gerais e acompanhando-os de duas aulas explicativas destas observações, uma para a prova parcial e outra para os trabalhos de aproveitamento. Foram estes os *corrigés*, distribuídos a todos os alunos e que, por si sós, seriam suficientes para lembrar a passagem de Gagé pela Faculdade. Como exemplo de esforço para ampliar horizontes, dificilmente poderíamos imaginar algo mais eficiente; e — diga-se de passagem — também como exemplo de dedicação e capacidade de trabalho. Notável a modéstia com que, para os inocentes estudantes do primeiro ano, se iniciavam as absrvações gerais, como se vê:

“Ce corrigé ne prétend pas donner le modèle absolu et idéal de ce qui était demandé aux étudiants.”

Mas o fato é que isto já era o ponto de partida para um ensino de enorme alcance, pois assim continuava:

“Il y a toujours plusieurs façons à peu près également légitimes de concevoir un sujet donné d'histoire, et par conséquent, aussi plusieurs plans possibles. Mais encore faut-il qu'il y ait véritablement une *conception* et un *plan*, le second déterminé logiquement

par le premier; et il est évident aussi qu'il y a des conceptions ou de plans inadmissibles, soit qu'ils s'écartent trop profondément du cadre indiqué, soit qu'ils soient historiquement faux”.

Decididamente para os novatos era muito em poucas palavras. Mas, com o tempo, lendo e relendo as observações gerais, seguindo as aulas, tomando contacto com a bibliografia indicada, mesmo sem que se percebesse, uma verdadeira revolução se operava na maneira de pensar e de estudar História. A necessidade da seleção de dados e a maneira de aproveitá-los, de evitar a inútil prolixidade, também surgia dos *corrigés*, como se vê a propósito do tema relativo à influência do Iluminismo na América Latina, onde se evidenciava, aliás, a medida em que Gagé já estudara história do Brasil:

“On avait à dessein choisi un sujet d'ensemble, d'analyse historique, emprunté à une matière qu'on pouvait et devait supposer bien connue des étudiants, et dont les éléments étaient de toute manière faciles à recueillir dans des ouvrages nationaux. De fait, la plupart des travaux remis ont été satisfaisants en ce que concerne l'information; on leur reprocherait plutôt de s'être souvent étendus plus qu'il ne convenait sur les épisodes mêmes des mouvements d'émancipation, qu'il n'y avait pas lieu de retracer dans le détail surtout au-delà des débuts du XIXe siècle; inutile par exemple de refaire le récit de l'Inconfidência Mineira”, sauf dans la mesure ou l'on essayait d'y montrer l'action des influences proposées comme sujet d'étude”.

O interessante é que grande parte destas observações, à primeira vista, parecem ser apenas a repetição do óbvio. Tão óbvio como, por exemplo, as quatro regras básicas do método de Descartes, para não recorrermos ao ovo de Colombo. Que não se tratava de algo extraordinário, dizia-o o próprio Gagé ao tratar do trabalho relativo a Alexandria do Egito:

“... là, comme ailleurs, c'était avant tout affaire de discernement et de bon sens”. Mas insistia também em que “l'essentiel doit donc être (...) la *réflexion historique* de chaque élève”,

e aí tudo se complicava, porque justamente o hábito de pensar, de *como* pensar por conta própria sobre um dado tema era o que nos faltava. É certamente era muito mais decisiva do que toda a História que Gagé nos transmitisse, esta afirmação da necessidade de pensar, de saber e dever pensar por conta própria, de não se subordinar, de não seguir pura e simplesmente um autor, de evitar a todo custo

“cette docilité à l'égard de quelques livres, souvent les mêmes”, e “la fidélité excessive et trop souvent littérale aux sources d'information..”

Esclareça-se, porém, com a maior ênfase possível: tudo isto, é claro, com base em ampla e sólida informação, com conhecimento do assunto a cujo respeito se pensa. Nem de longe se trata de um apelo a interpretações apressadas, quase sempre apoiadas em esquemas pré-fixados, pois acima, bem acima de tudo, o que marcava Gagé era a honestidade.

* * *

Estes, em linhas gerais, os principais traços da atividade de Gagé em nossa Faculdade no ano de 1938. Ano já bem nervoso, com o *Anschluss* e a crise checa que levou a Munique. Os professores franceses puderam ainda voltar à Europa para regressar no primeiro semestre de 1939, quando apenas em maio Gagé retomou aqui suas atividades. Mas a guerra que se iniciou em setembro reteve-o no Brasil até 1946, quando retornou definitivamente à França.

Tivemos o privilégio de conta-lo como um dos professores de matérias subsidiárias de nosso doutoramento, cuja tese teve em seus conselhos e sugestões uma inestimável contribuição. Após sua partida, dentre os livros que haviam ficado abandonados em sua antiga residência, à rua Atlântica, tomamos para nós um volume que conservamos como lembrança repleta de conteúdo: uma edição das *Fábulas de La Fontaine*, várias delas com anotações concernentes ao estudo da lingua francesa.

Pudemos logo verificar que as dificuldades inerentes aos primeiros anos do após-guerra em nada influíram sobre sua capacidade de trabalho; ao contrário: temos a impressão de que, uma vez no ambiente que lhe era familiar, como que mergulhou na pesquisa de história romana. Já em 1940 surgiam na editora De Boccard as *Huit recherches sur les origines italiennes et romaines*, em cujo prefácio o pesquisador revelava jamais se ter dissociado do professor. De fato, além de se tratar de trabalhos resultantes de cursos ministrados em Estrasburgo, nota-se numa passagem a expressa referência à responsabilidade, à “grave responsabilité”, de um professor perante seus estudantes.

Em 1953 coube-nos traduzir seu artigo *L'enfant de la IVe Eglogue et son éducation mystique: essai d'interprétation*, publicado na *Revista de História*, n.º 17, 1944, e no mesmo ano tivemos o prazer

de manter com ele uma breve correspondência. Em 1954 foi com alegria que o reencontramos em Estrasburgo e estivemos presentes a um de seus seminários na Universidade. Em 1954 mesmo, terminou seu *Apollon Romain. Essai sur le culte d'Apollon et le développement du "ritus Graecus" à Rome, des origines à Auguste*, publicado em 1955, ano que foi nomeado professor de civilização romana no Collège de France.

Acompanhar suas publicações, como *La montée des Sassanides* (1963) e *Les classes sociales dans l'Empire Romain* (1965), foi uma forma de mantermos contacto com sua pessoa. O respeito que por ele havíamos sentido desde o começo tendia sempre a aumentar. Mas nunca pode superar a gratidão de que se fez credor, desde sua primeira aula daquele ano cheio de tensões em que aqui chegou.

* * *

*

PEDRO MOACYR CAMPOS. — Atualmente professor titular do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Principais publicações: *A Idealização de Roma e sua aceitação pelos Cristãos; Alguns aspectos da Germânia Antiga através dos autores clássicos*. Diversos artigos e traduções.